

## Discursividade dialógico-polifônica na formação de professores / *Dialogical-polyphonic discursivity in teacher education*

Maria de Fátima Fonseca Guilherme de Castro\*

### RESUMO

Numa abordagem inter/transdisciplinar que abrange a Linguística Aplicada, a Análise do Discurso de linha francesa e a Análise Dialógica do Discurso, investigo, neste trabalho, as discursividades sobre *competência oral-enunciativa em língua inglesa* construídas por alguns sujeitos quando ocupam os distintos lugares discursivos *licenciandos* (primeira sincronia – 1997) e *licenciados* (segunda sincronia – 2005) em Letras. Na formação social de onde enunciam, em cada sincronia, os sujeitos constroem discursividades de forma a se inscreverem em formações discursivas que coexistem permeadas por relações dialógico-polifônicas (ressonantes, consonantes, dissonantes e dissintêneas) que, por sua vez, deixam vir à tona sua referencialidade polifônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discursividade dialógico-polifônica; formações discursivas; referencialidade polifônica; competência oral-enunciativa em língua inglesa; formação de professores de línguas estrangeiras

### ABSTRACT

*In an inter/transdisciplinary approach that involves Applied Linguistics, French Discourse Analysis and Dialogical Discourse Analysis, I investigate, in this paper, the discursivities about oral-enunciative competence in English constructed by some subjects when occupying distinct discursive places – undergraduates (first synchrony – 1997) and graduates (second synchrony – 2005) majoring in Foreign Languages. In the social formation from where they enunciate, in each synchrony, the participants construct discursivities in a way that they inscribe themselves in discursive formations that coexist by dialogical and polyphonic relations (resonant, consonant, dissonant and dissent) that reveal their polyphonic referentiality.*

**KEY-WORDS:** *Dialogical-polyphonic discursivity; Discursive formations; Polyphonic referentiality; Oral-enunciative competence in English; Foreign language teachers' education*

---

\* Professora da Universidade Federal de Uberlândia – UFU; fatimagc@terra.com.br

## INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre o futuro da Linguística Aplicada (LA) no Brasil, Cavalcanti (2004) postula que a área tem potencial para exercer ainda maior influência no desenvolvimento profissional, incluindo-se aí a educação do professor.

Alguns trabalhos já realizados no Brasil abordam a formação de professores de línguas tendo como foco de investigação as discursividades que circulam sobre as línguas materna e estrangeira no contexto universitário de formação de professores de línguas (GUILHERME DE CASTRO, 2008; FÍLBIDA, 2005; DIAS, 2005; MARTINS, 2003; BAGHIN-SPINELLI, 2002; NEVES, 2002; FERREIRA, 2002; BERTOLDO, 2000; dentre outros).

A realização de estudos dessa natureza me leva a sugerir que outro olhar sobre o processo de formação de professores de línguas tem se configurado na LA o qual se denominaria “Discursividades da/na Formação de Professores de Línguas”.

Entendo *discursividade* como um processo que explicita, em seu caráter sócio-histórico-cultural e ideológico, a dinâmica de produção de sentidos para contemplar as ações de ensinar e aprender, considerando o sujeito sob o aspecto da posição em constante movência de percepções e perspectivas de olhar o outro e os objetos em seu *ethos*<sup>1</sup> de atuação socioeducacional e profissional. Isso significa perceber alguns deslocamentos epistemológicos no sentido de investigar a inserção histórico-ideológica das práticas enunciativas de professores pré e em-serviço em sala de aula.

---

1 – Todo discurso, oral ou escrito, supõe um *ethos*: implica uma certa representação do corpo de seu responsável, do enunciador que se responsabiliza por ele. Sua fala participa de um comportamento global (uma maneira de se mover, de se vestir, de entrar em relação com o outro...). Atribuímos a ele, dessa forma, um caráter, um conjunto de traços psicológicos (jovial, severo, simpático...) e uma corporalidade (um conjunto de traços físicos e indumentários). Caráter e corporalidade são inseparáveis, apoiam-se em estereótipos valorizados ou desvalorizados na coletividade, em que se produz a enunciação. /.../ O *ethos* não deve, portanto, ser isolado dos outros parâmetros do discurso, pois contribui de maneira decisiva para sua legitimação (MAINGUENEAU, 2000, p. 60).

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado que foi desenvolvida em uma abordagem inter/transdisciplinar que abrange questões da Linguística Aplicada (LA), da Análise do Discurso de linha francesa (AD) e da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Foi delineada com o objetivo de se investigar as representações<sup>2</sup> constitutivas da competência oral-enunciativa em língua inglesa<sup>3</sup> (COE em LI), construídas por alguns sujeitos quando ocupam os distintos lugares discursivos *licenciandos* (primeira sincronia) e *licenciados* (segunda sincronia) em Letras.

Em relação à primeira sincronia (1997), estudei como dezoito (18) sujeitos representam a sua COE em LI e a de seus colegas no contexto de sala de aula de Conversação em LI na universidade e em quais formações discursivas<sup>4</sup> (FDs) se circunscrevem as práticas discursivas<sup>5</sup> presentes em seus dizeres.

Em relação à segunda sincronia (2005), estudei como onze (11) desses mesmos sujeitos representam a sua COE em LI e a de seus

---

2 – Uma posição é representada no processo discursivo, isto é, está presente mas transformada; em outras palavras, o que funciona no processo discursivo é uma série de formações imaginárias que designam as posições que A e B atribuem a si e ao outro; a imagem que têm de sua própria posição e da posição do outro. Nesse sentido, regras de projeção existem nos mecanismos de qualquer formação social e estabelecem tanto as situações (que podem ser definidas objetivamente) quanto as posições (representações das situações) que os sujeitos ocupam no discurso (PÊCHEUX, 1975/1995, p. 85).

3 – Compreendida, numa perspectiva discursiva, como uma competência desejada pelo sujeito falante não-nativo enquanto enunciador em uma língua outra; como a capacidade desse sujeito de estabelecer uma interlocução com outro(s) sujeito(s), construindo sentidos, enunciando e compreendendo, ou seja, atribuindo sentidos a enunciados realizados por outros sujeitos nessa língua outra (CASTRO, 2008).

4 – Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e dever ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) Pêcheux (1975/1997, p. 160).

5 – Prática discursiva é aqui tomada nas palavras de Foucault (1969/2005, p. 133): Não podemos confundir-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a ‘competência’ de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais: é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

interlocutores nos diversos contextos por eles vivenciados após a licenciatura e em quais FDs se circunscrevem as práticas discursivas presentes nos dizeres enunciados nos depoimentos AREDA.<sup>6</sup>

Um estudo sobre as relações dialógico-polifônicas<sup>7</sup> existentes entre as duas sincronias foi também realizado, sendo essas relações entendidas, neste artigo, como *Discursividade dialógico-polifônica na formação de professores*.

Ainda que a pesquisa realizada tenha articulado questões da LA, da AD e da ADD, é da última que tratarei mais detalhadamente, levando-se em consideração a pertinência e a relevância para a descrição, análise e interpretação das relações dialógico-polifônicas que puderam ser delineadas entre os dois acontecimentos sincrônicos da pesquisa.

## 1. A ADD COMO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Brait arrisca sustentar que o conjunto das obras do Círculo de Bakhtin motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, referida como ADD “contribui para o reconhecimento do constitutivo papel da linguagem nas atividades humanas e, portanto, nas diferentes ciências que têm o sujeito e sua alteridade como objeto de estudos” (2006, p. 16).

Pontua, a autora, que é por intermédio da obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, de Bakhtin, que se pode reconhecer um procedimento analítico essencial para uma teoria/análise dialógica do

---

6 – Proposta AREDA (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos) desenvolvida por Serrani-Infante (1998a, 1998b) com o objetivo de analisar o funcionamento de ressonâncias discursivas na construção de representações de processos identificatórios que são colocados em jogo no processo de enunciação de sujeitos com experiência bi/multilíngue. Segundo a autora, a análise discursiva pode trazer contribuições para a área de ensino-aprendizagem de línguas, como é o caso deste estudo, na medida em que pode contribuir na compreensão da incidência de fatores discursivos no processo de enunciação em língua estrangeira.

7 – A expressão “relações dialógico-polifônicas” foi construída, neste estudo, para dar conta da análise entre os acontecimentos discursivos (primeira e segunda sincronias), ou seja, para compreender como a multiplicidade de vozes reveladas em cada sincronia (que se inter-relacionam entre as formações discursivas) estabelece uma relação de dialogicidade (um processo de interação verbal).

discurso, ou seja, “chegar a uma categoria, a um conceito, a uma noção, a partir da análise de um *corpus* discursivo, dos sujeitos e das relações que ele instaura” (Idem, p. 24). Bakhtin não tinha um conceito ad hoc de polifonia para testar nos escritos de Dostoiévski, mas é a partir dos textos desse autor que o conceito é formulado, constituído, o que torna essa, segundo Brait, sem dúvida, uma das características de uma teoria/análise dialógica do discurso, ou seja, “não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico, num embate” (Idem, *ibid.*).

Bakhtin não produziu nenhuma sùmula de sua teoria em que todos os conceitos se encontram acabados e bem definidos, não elaborou uma “teoria facilmente aplicável e n,m uma metodologia acabada para análise dos fatos linguísticos e literários” (FIORIN, 2006, p. 12). Entretanto, as contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, “constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador” (BRAIT, 2006, p. 29).

A pertinência de uma perspectiva dialógica se deu, neste trabalho, na medida em que busquei analisar “especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem” (Idem, *ibid.*). Nas duas sincronias, as discursividades construídas pelos sujeitos participantes da pesquisa – ora no lugar discursivo licenciando, ora no lugar discursivo licenciado – se interpenetram e se interdefinem, o que proporcionou uma melhor compreensão da relação que possuem com sua COE em LI.

### 1.1. DIALOGISMO E POLIFONIA

Neste trabalho, *discurso* é tomado em sua dimensão sócio-histórico-ideológica, o que significa concebê-lo como efeito de sentidos<sup>8</sup> entre os sujeitos participantes de uma interação verbal Além disso, é tomado, também, em uma dimensão dialógico-polifônica.

---

8 – Pêcheux (1975/1995).

Dialogismo e polifonia se configuram em conceitos fundamentais nesta investigação, o que significa que o discurso é aqui entendido, também, não sob o aspecto da fala individual, mas da instância significativa, do entrelaçamento de discursos que, veiculados socialmente, realizam-se nas e pelas interações entre sujeitos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/1995).

Ao reconhecer a dimensão dialógico-polifônica do discurso, tomo como uma de minhas tarefas ouvir, ao mesmo tempo, as diferentes vozes (a polifonia<sup>9</sup>), partes, registros da partitura ou da cacofonia desse discurso, uma “metáfora musical” que está em toda parte (AUTHIER-REVUZ, 2004). Assumo, como Bakhtin, que a linguagem é dialógica, ou seja, com ele comungo o princípio de que

a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os caminhos até o seu objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele de uma interação viva e tensa (1975/1988, p. 88).

Dialogismo e polifonia atravessam o alicerce teórico da Análise Dialógica do Discurso sustentando, dentre outros conceitos, a arejada e complexa arquitetura bakhtiniana, o que permite compreender alguns posicionamentos essenciais diante da linguagem, da vida e dos sujeitos (BRAIT, 2005) que nesta pesquisa se insinuaram e se constituíram.

Apesar de valorizar o romance em seus estudos, “Bakhtin encontrou a representação da voz na figura dos homens que falam, discutem ideias, procuram posicionar-se no mundo” (MACHADO, 2005, p. 153). E alguns desses homens se constituem os sujeitos-enunciadores desta pesquisa. Entendo que tais sujeitos, ao enunciarem, inscrevem-se em uma posição enunciativa e não em outra, os discursos nos quais inscrevem seus dizeres coexistem com outros discursos que provêm de outras posições-sujeito, de outros lugares discursivos, de

---

9 – Multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis que se definem pela interação em um mesmo espaço, ou seja, vozes plenivalentes e consciências equipolentes que representam este espaço (BAKHTIN, 1929/2008).

outras formações discursivas. E nesse movimento de entrelaçamento de discursos, ocorrem as contradições, os conflitos nos dizeres dos enunciadores, pois seus dizeres se constituem de outros dizeres, estão povoados por outros discursos que se contradizem e se refutam.

Cumpra salientar que *diálogo*, numa perspectiva bakhtiniana, não é entendido apenas no sentido formal mais tradicional, isto é, não se resume a uma relação face-a-face, é algo muito mais amplo, é diálogo entre pessoas, entre textos, entre discursos, entre autores, entre disciplinas, entre culturas, entre épocas. O *diálogo*, para Bakhtin, deve ser entendido, como bem resume Faraco (2001), como o encontro, em todas as instâncias da linguagem, inclusive na bivocalidade do enunciado individual ou na dinâmica do discurso interior, de “vozes que se entrecruzam, se complementam, discordam umas das outras, se questionam, duelam entre si” (FARACO, 2001, p. 124). Essas vozes se configuram em manifestações discursivas que estão sempre relacionadas a um tipo de atividade humana axio logicamente orientada.<sup>10</sup>

Nesta pesquisa, o discurso é concebido em sua dimensão socio-histórico-ideológica e em sua dimensão dialógico-polifônica. Isso significa o compromisso de realizar uma detalhada descrição das condições de produção em que se realizam as interlocuções entre os sujeitos na e pela linguagem. Significa, também, identificar e compreender, segundo Santos (2004), quais são as decorrências da movimentação de sentidos construídos nessa interação – que vão além dos significados – que contemplam “as características dos sujeitos envolvidos nos processo de realização dos enunciados, quer pela influência de seus referenciais de representação de mundo, quer pela influência do meio social em que vivem” (SANTOS, 2004, p. 253).

Dialogismo e polifonia se configuram em conceitos que contribuem para que melhor se compreenda, nas duas sincronias investigadas, como os participantes desta pesquisa, sob aspectos constituídos por várias e diferentes vozes que são evocadas de

---

10 – Axiologicamente entendido como um processo em que se instauram “convenções fixadas a partir de relações teóricas, passíveis de múltiplas interpretações e realizações diferentes, mas coerentes com a proposição teórica inicial, da qual demanda suas generalizações” (SANTOS, 2000, p. 204).



diferentes espaços sociais e de diferentes discursos, representam a sua COE em LI (o *eu*), como representam a de seus colegas (o *outro*), quais são as vozes que se manifestam para representar tal competência, quais os discursos que dialogam na construção dessa representação. Contribuem, finalmente, para que possa melhor compreender, também, quais são as relações dialógico-polifônicas existentes entre as duas sincronias.

Para esta pesquisa, dentro do escopo da natureza dos dados coletados, assumo dialogismo e polifonia, que na sua inunção, permitiram analisar:

- 1) o modo de funcionamento da linguagem, considerando que todos os enunciados proferidos pelos sujeitos constituem-se a partir de outros, ou seja, todo enunciado é dialógico, porque é sempre dirigido para o outro, constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado;
- 2) as vozes que atravessam os dizeres dos sujeitos quando enunciam nas duas sincronias reveladas na forma composicional de seus enunciados;
- 3) como os sujeitos-participantes da pesquisa se constituem discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade de cada sincronia;
- 4) as relações dialógico-polifônicas existentes entre as duas sincronias.

Além disso, um dos desdobramentos do conceito de polifonia, neste trabalho, quando observada no crivo do sujeito, é a noção de referencialidade polifônica usada para

indicar a heterogeneidade subjacente às bases discursivas do imaginário sociodiscursivo dos sujeitos. Essa heterogeneidade, por sua vez, é traspassada por discursos de outro e uma diversidade de discursos distintos. Dessa maneira, as vozes dos sujeitos são entrecortadas por várias outras vozes e por vários outros discursos (SANTOS, 2000, p. 231).

Essa noção está ligada a aspectos psicológicos, filosóficos, sociais, históricos e como o sujeito faz uma clivagem do mundo nesses aspectos e toma para si um amálgama de vozes. Dessa forma, a referencialidade polifônica do sujeito se constitui desse amálgama de vozes que o sujeito já apreendeu e que funciona como um mecanismo para fazer o crivo da realidade quando olha o mundo, sendo que esse



mundo se refere ao dialogismo constitutivo dos discursos desse sujeito, ou seja, às diferentes vozes que o constituem ao longo da vida. Dito de outro modo, a noção de referencialidade polifônica está relacionada ao conjunto de experiências vividas pelo sujeito, tomadas como referências para suas ações cotidianas e suas formas de ver o outro e os mundos possíveis ao seu redor no que tange a comportamentos sociais, modos de organização do pensamento acerca dos conhecimentos e dos saberes, natureza de relações de trocas linguageiras com o outro, com o espaço que ocupa no ethos social, com a forma de ver e viver o seu tempo e com a forma de ver e tomar atitudes diante dos acontecimentos a sua volta.

Em suma, dialogismo, polifonia e referencialidade polifônica me permitiram observar como os sujeitos-participantes da pesquisa, na oposição das vozes que os constituem e na historicidade dos enunciados que proferem (historicidade essa percebida na movência da materialidade linguística de sua constituição), revelam, em seus mecanismos enunciativos, aprovação ou denegação, consentimento ou recusa, esquecimento, apagamento, silenciamento, deslizos, contradições.

## 2. DISCURSIVIDADE DO/NO LUGAR DISCURSIVO *LICENCIANDO*

Para analisar a discursividade construída na primeira sincronia, busquei observar que sentidos sobre a COE em LI são construídos nos funcionamentos discursivos do/no contexto da primeira sincronia. Busquei, também, analisar como os sentidos produzidos se condensam, tentando delinear em quais FDs se circunscrevem as práticas discursivas presentes nos dizeres dos participantes quando ocupam o lugar discursivo *licenciandos em Letras/professores pré-serviço*.

Como resultados, pude compreender que a relação dos participantes da pesquisa, em relação à sua COE em LI, é regida por três representações: 1) a COE em LI sob o aspecto da *falta*; 2) a COE em LI sob o aspecto da *projeção*; 3) a COE em LI sob o aspecto da *exclusão*.

No que diz respeito à *falta*, dá-se em cinco instâncias de manifestação em que predominam mecanismos enunciativos de denegação,

apagamento, silenciamento, alteridade e esquecimento,<sup>11</sup> levando os sujeitos a se inscreverem:

- a) na *falta de palavras/vocabulário* (“Me faltam as palavras, meu vocabulário é pequeno demais.”), denegando sua constituição de sujeitos-falantes da língua inglesa e construindo uma discursividade que oscila entre a contingência de lacunas de um saber linguístico-sistêmico (a falta) e o desejo de se constituírem sujeitos-falantes nessa língua;
- b) na *ausência do falar* (“Sinto-me bloqueada e a minha voz não sai.”), apagando-se como sujeitos frente à interpelação que lhes impelem a constituir-se por esse falar, sendo que esse apagamento é marcado por uma tensão e por um silenciamento, ou seja, existe uma alteridade entre resistir e constituir-se sujeito silenciadamente;
- c) na *falta de um falar certo* (“Não sei se o que vou dizer está certo.”), silenciando sua condição como sujeitos de uma incompletude linguístico-enunciativa e, assim, a relação com a língua é negada em suas contradições constitutivas;
- d) na *falta, na incompletude* (“Eu deveria quebrar esse gelo e me soltar mais.”) em que mecanismos enunciativos de alteridade predominam, ou seja, os participantes constituem-se sujeitos-falantes na língua inglesa pelo outro. Para eles, existe um outro que se constitui falante na língua da forma como eles não se constituem;
- e) na *ilusão da completude* (“Me sinto à vontade falando.”), esquecendo a relação conflito-tensiva de sua condição lacunar limitada em se constituir sujeito enunciativo em língua inglesa, vivendo a ilusão de que podem controlar seu desejo de falar e silenciando suas tensões, conflitos e enfrentamentos com a língua inglesa.

---

11 – Os elementos que balizaram a constituição desses mecanismos enunciativos advêm dos componentes do que Santos (2007) designa de Intervalo Histórico de Dispersão dos Sentidos (IHDS) – denegação (significando a tensão enunciativa), silenciamento, esquecimento e alteridade. Nas palavras do autor, “conexão entre ações sujeitativas, na qual uma ação subsequente é consequência de uma ação antecedente submetida a um processo de tensão enunciativa, cuja decorrência pode ser razão de significação para apagamentos, silêncios e esquecimentos, dispostos em uma alteridade interpelativa, determinante para uma interpretação dos efeitos de constituição do sujeito na enunciação” (p. 201).

No que diz respeito à *projeção*, dá-se em três instâncias de manifestação em que predominam mecanismos enunciativos de denegação, ou seja, os participantes da pesquisa denegam sua constitutividade como sujeitos inscritos na discursividade da língua inglesa. Ao denegarem essa constitutividade:

- a) representam o colega como aquele cuja COE em LI se configura como superior, o que faz com que suas competências estejam vinculadas à imagem da competência que constroem para o outro (inscrição na assimetria do/no outro: “Fico inseguro diante de meus colegas que sabem mais”);
- b) representam o colega como aquele que *ajuda e incentiva*, apagando, assim, a tensão constitutiva do processo enunciativo, ou seja, constroem uma imagem que procura apagar os conflitos que atravessam a sua própria constituição como sujeito que enuncia oralmente em língua inglesa (inscrição na interlocução do/no outro: “Peguei-os dando um empurrãozinho pra eu falar”);
- c) estabelecem uma relação de alteridade em que a identificação com o outro é marcada no processo enunciativo e, dessa forma, silenciam sua condição como sujeitos de uma incompletude linguístico-enunciativa e apagam as relações conflito-tensivas do processo enunciativo em sala de aula (inscrição na identificação do/no outro: “Os colegas têm dificuldades parecidas com as minhas”).

Sob o aspecto da *exclusão*, essa representação se dá em uma única instância de manifestação (Lidando com o fantasma da exclusão: “Alguns colegas me olham como se perguntassem: ‘O que essa menina faz aqui?’”) em que predominam mecanismos enunciativos de alteridade de inscrição linguístico-discursiva na língua inglesa. Nessa alteridade, os participantes da pesquisa: a) denegam sua constitutividade enquanto sujeitos inscritos na discursividade da língua inglesa; b) apagam sua condição enquanto sujeitos de uma língua materna, inscritos em uma língua estrangeira; c) esquecem da relação conflito-tensiva de sua condição lacunar limitada em se constituírem sujeitos-enunciadores na língua inglesa; d) na denegação, no apagamento e no esquecimento, representam a sua COE em LI como exclusão.

Os participantes da pesquisa, ao representarem a COE em LI sob o aspecto da *falta*, da *projeção* e da *exclusão*, revelam, nas instâncias de manifestação em que enunciaram seus dizeres, o seu dever de sujeitos-aprendizes de língua inglesa, sempre no desejo de atingir uma COE em LI idealizada.

Essas representações se interpenetram e interconstituem, uma vez que as práticas discursivas presentes nos dizeres dos enunciadores, ao construírem tais representações, encontram-se circunscritas em algumas formações que denominei: *FD da Falta (de Acuidade Linguística, de Pertencimento e de Identificação)*, *FD Projetivo-Atributiva (pela Diferença, Sujeitucional e Interpelativa)* e *FD da Exclusão (por Diferença, por Denegação e por Resistência)*. Essas formações discursivas encontram-se em constante alteridade, interpenetram-se no continuum da inscrição discursiva dos sujeitos em enunciação e, por isso, não se pode dizer que alguma delas se sobreponha às outras.

### 3. DISCURSIVIDADE DO/NO LUGAR DISCURSIVO LICENCIADO

Para analisar a discursividade construída na segunda sincronia, busquei observar analisar que sentidos sobre a COE em LI são construídos nos funcionamentos discursivos do/no contexto da segunda sincronia. Busquei, ainda, analisar como os sentidos produzidos se condensam, delineando em quais FDs se circunscrevem as práticas discursivas presentes em seus dizeres quando ocupam o lugar discursivo licenciados em Letras/professores em-serviço.

Como resultados, pude compreender que a relação dos sujeitos-participantes da pesquisa, em relação à COE em LI, é regida por quatro representações:

- 1) a COE em LI sob o aspecto da falta que se dá em duas instâncias de manifestação (a falta do passado, a falta do presente). A primeira (a falta do passado) se dá em três subinstâncias:
  - i) antes do Curso de Letras (“Eu comecei a criar mecanismos de resistência.”);
  - ii) durante o Curso de Letras (“Quando eu estava na faculdade eu acho que eu tinha medo de falar, acho que a minha maior insegurança era falar.”);
  - iii) depois do Curso de Letras, no início da profissão (“A diretora pegou um texto e pediu pra eu ler pra ver minha pronúncia.”).

Nessas subinstâncias predominam mecanismos enunciativos de alteridade, ou seja, constituem-se sujeitos da/na língua inglesa pelas experiências vivenciadas com o *outro* (colegas, professores, diretores) em diferentes momentos históricos de suas vidas.

A segunda (a falta do presente) se dá em oito subinstâncias:

- i) a falta de pronúncia (“Nossa, mas não é possível, depois de tantos anos eu vou aprender que é assim que fala!”);
- ii) a falta de fluência (“Nós gostaríamos realmente é de ser fluentes na língua inglesa.”);
- iii) a falta de (ampliar) vocabulário (“Eu gostaria de saber todo o vocabulário que um nativo sabe.”);
- iv) a falta de *ouvir* mais e melhor (“Tenho que escutar mais, estar mais em contato com o *listening* pra que eu treine mais os meus ouvidos.”);
- v) a falta de *falar* mais (“Falar mesmo não converso com ninguém.”);
- vi) a falta de uma experiência no exterior (“Acredito que isso possa fazer uma grande diferença pra nós da área de língua inglesa.”);
- vii) a falta de competência oral-enunciativa em alteridade com as outras competências (“É mais fácil escrever, porque falar, às vezes, as palavras somem.”);
- viii) as faltas em diálogo: definindo competência oral (“ter vocabulário, falar espontaneamente, pronunciar as palavras corretamente, ser fluente”).

Nessas subinstâncias predominam mecanismos enunciativos de denegação e apagamento de sua condição (lacunar e limitada) de sujeito em língua materna inscrito em uma outra língua; de silenciamento de sua condição como sujeitos de uma incompletude linguístico-enunciativa na língua inglesa (a falta de pronúncia, a falta de fluência); de alteridade, marcada pelo desejo de ter a pronúncia, a fluência e o vocabulário do outro e pelo desejo de ocupar o lugar desse outro; de esquecimento da relação conflito-tensiva de sua condição lacunar limitada em se constituir sujeito em uma outra língua. Dessa forma, apagam as tensões constitutivas dos processos interacionais em língua inglesa e se constituem sujeito do devir à espera da competência oral-enunciativa idealizada. Assim, pode-se afirmar que a falta se tornou constitutiva na medida em que a constitutividade remanescente da anterioridade (a primeira sincronia) atravessa a segunda sincronia e permanecem como referência para os participantes da pesquisa.

- 2) a COE em LI sob o aspecto da projeção se dá em três instâncias de manifestação, em que os sujeitos denegam sua constitutividade como sujeitos inscritos na discursividade de uma outra língua:

- a) inscrevem-se na *assimetria do/no outro* (“Eu queria falar como um nativo mesmo”), representando o outro como aquele cuja OE em LI é superior, o que faz com sua competência esteja vinculada à imagem da competência que constroem para o outro;
  - b) inscrevem-se na *interlocução do/no outro* (“Ah, você sabe falar inglês sim!”), representando o outro (o nativo em especial) como aquele que traz *as melhores recordações* e que *elogia* sua COE em LI. Dessa forma, apagam a tensão constitutiva dos processos interlocucionais por eles vivenciados, ou seja, constroem uma imagem que procura apagar os conflitos que atravessam sua própria constituição como sujeitos que enunciam oralmente em língua inglesa;
  - c) inscrevem-se na *identificação do/no outro* (“Falar, eu acredito que seja a grande dificuldade, não só pra mim, mas pra todas as pessoas que aprendem a língua inglesa”), estabelecendo uma relação de alteridade, em que a identificação com outro é marcada no processo enunciativo – seja pela incompletude, seja pela ilusão de completude – esquecendo e silenciando sua condição enquanto sujeitos de uma incompletude linguístico-enunciativa e apagando as relações conflito-tensivas dos processos interperlativos por eles vivenciados.
- 3) *A COE em LI enquanto referencialidade* que se dá em duas instâncias:
- a) inscrevem-se na *COE em LI como fundamental para o professor* (“Eu acredito que seria algo assim imprescindível pra um professor”), silenciando o lugar das outras habilidades (ouvir, ler e escrever) na prática em-serviço, sendo que, ao silenciarem essas habilidades, denegam a constituição do sujeito-aprendente ouvinte, leitor e escritor em língua inglesa;
  - b) inscrevem-se na *COE em LI como fundamental no processo de ensino-aprendizagem* (“Eu já chego lá falando em inglês no primeiro dia”), revelando uma circunscrição positivista, ao denegarem a constituição de seus alunos na e pela língua, ao denegarem a tensão inerente ao processo de construção de sentidos em sala de aula nas quatro habilidades e ao denegarem, também, o uso da língua materna como parte da discursividade fundadora de seus alunos.
- 4) *Resistindo à falta de COE em LI* que se dá em três instâncias em que:
- a) denegam as faltas que lhes são constitutivas, a elas resistindo, representando a *prática em-serviço como espaço de aprendizagem* (“O meu aprendizado mesmo foi na sala de aula, após o Curso de

Letras.”). Representam essa prática não apenas como espaço de aprendizagem da língua, mas também como a melhor forma de ensiná-la. Representam, ainda, a formação pré-serviço como não-determinante no que são como professores de língua inglesa em-serviço, atribuindo a sua constituição como sujeitos-professores ao que constroem no acontecimento da prática em-serviço;

- b) denegam, esquecem e silenciam as faltas que lhes são constitutivas, resistindo a elas, *inscrevendo-se em um processo de cidadania*<sup>12</sup> (“Eu gosto muito de ser professora, porque eu vejo alguns alunos aprendendo comigo, aproveitando a oportunidade pra crescer mesmo dentro da língua inglesa.”). Essa inscrição se configura em um atravessamento da língua estrangeira como um dos elementos que constitui o processo de cidadania, ou seja, em sua constituição sujeitodal, no lidar com a língua inglesa, são interpelados pelo lugar que ela ocupa na formação social na qual se encontram inseridos;
- c) denegam, esquecem e silenciam as faltas que lhes são constitutivas, a elas resistindo, *inscrevendo-se no desejo de persistir* (“Não pretendo abandonar a educação, mas sim lutar por ela e por aqueles que também acreditam nela.”), ou seja, no desejo de permanecer exercendo o papel de professores de língua inglesa. Essa inscrição faz revelar o sujeito que é interpelado pela língua inglesa e a usa como elemento de resistência para exercer o seu lugar nos universos discursivos em que se encontra inserido.

Pode-se se dizer que a heterotopia<sup>13</sup> se configura como um mecanismo enunciativo, na medida em que há o deslocamento do sujeito da falta para o sujeito que deseja permanecer ensinando, apesar dessa falta, ou seja, em que há o deslocamento do lugar discursivo professor em-serviço para a forma-sujeito professor-educador, uma forma de existência histórica desse sujeito, agente de suas práticas sociais.

---

12 – Processo entendido como aquele em que o sujeito incorpora ao cotidiano de aprendizagem de língua, o cotidiano dos sujeitos-aprendizes em seus aspectos socioeconômicos e culturais.

13 – Processos heterotópicos aqui tomados com base em Foucault (1966/1995) e entendidos não apenas como espaços de tensão, apagamento, silenciamento, denegação e alteridade, mas também em espaços em que os sujeitos inscrevem vozes outras em seus dizeres e em seus modos de dizer, provocando deslocamentos e ressignificando o dito e o não-dito.



Essas quatro representações se interpenetram e se interconstituem, sendo que as práticas discursivas presentes nos dizeres dos enunciadores, ao construírem tais representações, encontram-se circunscritas em algumas formações que denominaria: *FD da Falta (Remanescente e Constitutiva)*, *FD Projetivo-Atributiva (pela Diferença, Sujeitudinal e Interpelativa)*, *FD da Soberania da Oralidade (Legitimadora da Práxis e Legitimadora da Prática)* e *FD Heterotópica (pelo Acontecimento e pelo Desejo)*. Essas formações discursivas encontram-se em constante alteridade, interpenetram-se no continuum da inscrição discursiva dos sujeitos em enunciação e, por isso, não se pode dizer que alguma delas se sobreponha às outras.

#### 4. DISCURSIVIDADE DIALÓGICO-POLIFÔNICA

Para tentar compreender as relações entre as discursividades, busquei compreender como a multiplicidade de vozes reveladas em cada sincronia (que se inter-relacionam entre as formações discursivas) estabelece uma relação de dialogicidade (um processo de interação verbal), ou seja, busquei estabelecer as relações dialógico-polifônicas entre as formações discursivas das duas sincronias.

Nesse sentido, algumas relações dialógico-polifônicas puderam ser delineadas:

1) *relações dialógico-polifônicas por ressonância*: vozes do passado são evocadas para representar a COE em LI, ou seja, as faltas da anterioridade (da primeira sincronia e do que a antecede) atravessam o acontecimento da segunda sincronia, fazendo com que as FDs dialoguem por semelhança, aproximação e tensão. Assim, pode-se dizer que há FDs ressonantes, por exemplo, a *FD da Falta* e a *FD da Exclusão* (primeira sincronia) ressonam na *FD da Falta* (segunda sincronia);

2) *relações dialógico-polifônicas por consonância*: vozes da primeira sincronia são evocadas para representar a COE em LI, ou seja, as faltas e as projeções da primeira sincronia atravessam o acontecimento da segunda sincronia, fazendo com que haja repetibilidade entre os modos de dizer e fazendo, assim, com que as FDs de ambas as sincronias dialoguem por semelhança e aproximação. Pode-se, assim, dizer que há FDs consonantes, por exemplo, a *FD da Falta* (primeira sincronia) consona com *FD da Falta* (segunda sincronia);

3) *relações dialógico-polifônicas por dissonância*: vozes contraditórias e dissonantes são evocadas para representar a COE em LI, ou seja, as faltas da primeira sincronia (e da segunda também) são denegadas, silenciadas e apagadas, fazendo com que haja discordância e contradição e, assim, fazendo com que as FDs dialoguem por afastamento e tensão. Nesse sentido, pode-se dizer que há FDs dissonantes, por exemplo, a *FD da Falta* (primeira e segunda sincronias) dissonante da *FD da Soberania da Oralidade* (segunda sincronia);

4) *relações dialógico-polifônicas por dissensão*: vozes outras são evocadas e atravessam as representações construídas para a COE em LI, ou seja, as inscrições discursivas dos participantes da pesquisa se afastam e se deslocam para lugares discursivos outros, como forma de resistência à falta, à projeção, à exclusão (primeira sincronia) e à referencialidade (segunda sincronia). As FDs, assim, deslocam-se por afastamento e tensão, por exemplo, a *FD da Falta* (primeira e segunda sincronias), a *FD da Exclusão* (primeira sincronia), a *FD Projetivo-atributiva* (primeira e segunda sincronias) e a *FD da Soberania da Oralidade* dissentem da *FD Heterotópica* (segunda sincronia).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na formação social de onde enunciam, em cada sincronia, os participantes da pesquisa constroem representações sobre a COE em LI de forma a se inscreverem em FDs que coexistem permeadas por relações dialógico-polifônicas que, por sua vez, deixam vir à tona sua referencialidade polifônica. Ela é construída a partir de lugares discursivos, das formas-sujeito e dos lugares sociais que ocupam. Além disso, é constituída também das FDs discursivas nas quais inscrevem as práticas discursivas de seus dizeres. Essas FDs discursivas coexistem circunscritas em relações dialógico-polifônicas que, na dispersão dos sentidos, assemelham-se, aproximam-se, repetem-se, contradizem-se, afastam-se e se deslocam.

Neste estudo, discurso se configurou como mais do que efeito de sentidos entre locutores, ou seja, é um efeito de deslocamento de lugares discursivos no *ethos* em que os sujeitos proferem seus dizeres. Percebo que os participantes da pesquisa, nos diferentes lugares discursivos ocupados, nas duas sincronias, instauram-se como assujeitados de si mesmos, em constante e contínua interpelação. A

resistência à COE em LI se dá pela descontinuidade do ato de “tornar-se sujeito” para enfrentar essa resistência e se inscrever em vários e diferentes lugares que dão respaldo a essa resistência.

#### REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão Técnica da Tradução de Leci Barbisan e Valdir N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAGHIN-SPINELLI, D. C. *Ser professor (brasileiro) de língua inglesa: um estudo dos processos identitários nas Práticas de Ensino*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec/Ed. da UNESP, 1988.
- BERTOLDO, E. S. *Um discurso da linguística aplicada: entre o desejo da teoria e a contingência da prática*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas.
- BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006 b. p. 9-31.
- DIAS, A. V. M. *A constituição do sujeito-professor-leitor pela sua História de Leitura*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia.
- FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C. & CASTRO, G. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001. p. 113-126.
- FERREIRA, R. A. M. P. *O dizer dos professores sobre as práticas discursivas orais na sala de aula de língua materna*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia.
- FÍLBIDA, M. C. *O discurso que sustenta a prática pedagógica em um curso de formação de professores de língua estrangeira (inglês)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 4. ed. Trad. Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GUILHERME DE CASTRO, M. F. F. *Competência oral-enunciativa em língua estrangeira (inglês): fronteiras e limites*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio V. Barbosa e M<sup>a</sup> Emília A. T. Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

MARTINS, A. C. S. *Os revezamentos do discurso teórico na prática de ensino de língua inglesa*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia.

NEVES, M. S. *Processo discursivo e subjetividade: vozes preponderantes na avaliação da oralidade em língua estrangeira no ensino universitário*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

SANTOS, J. B. C. *Por uma teoria do discurso universitário institucional*. 2000. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. (Org.). *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios, 2004. p. 109-118.

\_\_\_\_\_. Entremeios da análise do discurso com a linguística aplicada. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. (Org.). *Percursos da análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 187-206.

SERRANI-INFANTE, S. M. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e Identidade – Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998a. p. 231-261.

\_\_\_\_\_. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998b. p. 43-167.

*Recebido em 28/05/2009*

*Aprovado em 07/07/2009*